

AS MULHERES NA BAIXA IDADE MÉDIA: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO. ¹

Maila da Silva Gomes Aguiar², Márcia Santos Lemos³

RESUMO

A presente comunicação objetiva discutir as categorias gênero e patriarcado, bem como as categorias são utilizadas pela historiografia medieval brasileira nas produções acadêmicas (teses e dissertações) de 2000 à 2022, sobre as Mulheres Ibéricas, entre os séculos XII e XIII. Em primeiro momento, visa a discussão teórica sobre Gênero e Patriarcado e seus usos nos estudos medievais brasileiros. E no segundo momento, a análise das categorias nas produções selecionadas, objetivando verificar como os autores e autoras empregam os conceitos, quais as abordagens teóricas, principais temas e fontes utilizadas nessas produções. Dentro das cinco dissertações e uma tese analisadas foi possível identificar que apenas dois trabalhos fazem a discussão de gênero, sendo que um apenas cita, mas não faz análise, e o outro se apoia na História Cultural, principalmente tendo a Joan Scott como referência. Já na categoria patriarcado não utilizada em nenhuma produção. Dessa forma, é perceptível os estudos de gênero estão presentes na historiografia medieval brasileira, mas ainda pouco problematizados e balizados numa epistemologia feminista.

PALAVRA-CHAVE: Gênero; Patriarcado; Mulheres Medievais; Península Ibérica; Historiografia brasileira.

WOMEN IN THE EARLY MIDDLE AGES: A HISTORIOGRAPHICAL STUDY.

ABSTRACT

This communication aims to discuss the categories gender and patriarchy, as well as the categories used by Brazilian medieval historiography in academic productions (theses and dissertations) from 2000 to 2022, about Iberian Women, between the 12th and 13th centuries. Firstly, it aims at the theoretical discussion about Gender and Patriarchy and their uses in Brazilian medieval studies. And in the second moment, the analysis of the categories in the selected productions, aiming to verify how the authors employ the concepts, what are the theoretical approaches, main themes and sources used in these productions. Among the five dissertations and one thesis analyzed, it was possible to identify that only two works discuss gender, one of which only cites, but does not analyze, and the other is based on Cultural History, mainly with Joan Scott as a reference. In the patriarchy category, not used in any production. In this way, it is noticeable that gender

¹ Pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, com incentivo financeiro pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESB).

² Autora, discente do curso de graduação em História e bolsista FAPESB do Programa de Iniciação Científica da UESB (PIBIC). E-mail: mailaaguiar2@gmail.com

³ Orientadora, professora titular do curso de graduação em História – UESB. E-mail: marcia.lemos@uesb.edu.br

studies are present in Brazilian medieval historiography, but still little problematized and guided by a feminist epistemology.

KEYWORDS: Gender; Patriarchy; Medieval Women; Iberian Peninsula; Brazilian historiography.

INTRODUÇÃO

O gênero enquanto categoria de análise para historiografia foi “inaugurado” por Joan Scott, historiadora vinculada a História Cultural, que define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Mas antes de trazer a definição de gênero, Scott pontua como o termo foi utilizado em substituição ao termo “mulheres” nas pesquisas, pois trazia uma suposta neutralidade, ausente dos estudos feministas que privilegiavam a categoria mulher enquanto posição política.

A autora também destaca que a utilização do gênero enquanto uma categoria de análise só aconteceu no século XX, e que para a pesquisa histórica, o tema gênero não tinha relevância analítica suficiente devido a problemas epistemológicos de definição. Diante disso, o objetivo de Scott foi quebrar e enfrentar os problemas epistemológicos que o tema encontra e definir gênero como categoria útil e possível para estudos, não somente históricos, mas também sociais. Por isso, a definição que ela utiliza é relacionada ao poder e suas mudanças institucionais, sociais, políticas, econômicas. O que Scott propõe no fim das contas é uma análise do sujeito individual, mas articulado com a totalidade no qual esse sujeito está inserido:

A teorização do gênero, entretanto, é desenvolvida em minha segunda proposição: o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. (SCOTT, 1995, p. 40).

Ochy Curiel (2018) enfatiza que a categoria gênero é importante pois permite evidenciar que o que é considerado homem e mulher está longe de ser algo natural, e sim socialmente/historicamente construído pois revelam as estruturas sociais em torno do

sexo. Curiel pontua que “a bipartição dos gêneros não tem nada a ver com o biológico, mas antes com uma definição ideológica. Estas relações enquadram-se em relações de desigualdade e hierarquias e são explicadas através da opressão, dominação e exploração das mulheres pelos homens” (CURIEL, 2018, p. 223). Portanto, não há diferença e sim diferenciação, seguindo a perspectiva de Christine Delphy, de que o gênero antecede o sexo e não o contrário, como aponta Nicole Claude Mathieu (Mathieu, 2005). Christine Delphy afirma que a definição de gênero possibilitou três coisas. A primeira delas é que o conceito aparece como social e arbitrário, sendo variável a depender da sociedade. A segunda é ser um conceito singular, permitindo deslocar o foco das partes divididas (os dois gêneros) para o princípio da própria cisão. E por fim, a relação com a noção de hierarquia que ajuda a considerar sob outro ângulo a relação entre as partes divididas (DELPHY, 2018, p. 201).

Heleieth Saffioti argumenta que gênero é para além de uma categoria de análise e sim uma categoria histórica, exigindo das pesquisadoras e pesquisadores um alto investimento intelectual visto demanda várias instancias. Dentro dessas instancias, Saffioti destaca:

[...] aparelho semiótico (Laurentis, 1987); como símbolos culturais evocados de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organização e instituições sociais, identidade subjetiva (Scott, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (Flax, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações de homem-homem e mulher-mulher (Saffioti, 1992, 1997b; Saffioti e Almeida, 1995).

Como postulado por Saffioti, a análise de gênero é traçada por diversas variáveis que precisam ser articuladas cuidadosamente, observando os fatores sociais, históricos, gramaticais, sexuais, culturais, relacionais de gêneros. Saffioti ainda destaca: “o gênero é uma construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2015, p. 47), dessa forma, é preciso uma análise histórica do contexto em que se pretende estudar/utilizar o gênero. Visto que, segundo Saffioti, gênero por si só não explica as desigualdades entre homens e mulheres.

No que se refere a categoria gênero nos estudos medievais no Brasil, há diversos pesquisadores e pesquisadoras que utilizam da categoria em suas pesquisas e compreensão do medieval. Andréia Cristina Frazão (2016) argumenta que o uso da

categoria gênero e os Estudos de Gênero no Brasil contribuíram para a própria consolidação do medievalismo brasileiro. Frazão enfatiza que o quadro atual das pesquisas utilizando gênero se distancia da década de 1990, quando em um levantamento que ela realizou, apenas sete historiadores no Brasil adotavam a categoria de gênero em suas pesquisas. Marcelo Pereira Lima (2021) pontua que trabalha com o que ele chama de “História Institucional de Gênero”, visto que, segundo o medievalista, a categoria de gênero o mobiliza a analisar como algumas instituições medievais se cruzam e são atravessadas por questões de gênero, suas experiências e discursos normativos. Lima destaca:

Parto do pressuposto de que o gênero é tanto uma categoria de análise, quanto um fenômeno a ser descrito, interpretado, compreendido, analisado e, quando é possível fazê-lo, explicado do ponto de vista histórico e historiográfico. Mais do que uma mera noção e longe de ser um conceito fechado, considero importante encará-lo como uma categoria relativamente aberta, embora não acentuadamente escancarada e imprecisa. (LIMA, 2018, p. 1-2)

No que diz respeito a História Institucional de Gênero, o historiador explica sua epistemologia:

Por isso, com o objetivo de (re)pensar essa “boa ciência” androcêntrica, proponho a combinação entre uma espécie de Epistemologia Relacional do Direito e uma História Institucional de Gênero, isto é, uma (dis)junção entre uma História Cultural e Institucional do Direito e os Estudos de Gênero. Talvez, como proposta teórico-metodológica, a saída seja evitar a autoevidência das dicotomias sociológico-jurídica versus formalismo jurídico, procurando historicizá-las de modo a investigar criticamente o alcance de suas implicações com o Gênero. (LIMA, 2018, p. 3)

A historiadora Gerda Lerner abordou sobre o patriarcado em sua obra “A criação do patriarcado: a história da opressão das mulheres pelos homens”. Na obra, a autora argumenta que a apropriação das capacidades reprodutivas das mulheres pelos homens se deu antes mesmo da consolidação da propriedade privada. Sobre a sociedade patriarcal, Lerner caracteriza:

“Sociedade patriarcal é caracterizada pela descendência patrilineal, leis sobre propriedade garantindo os direitos dos filhos à herança, dominação masculina no que diz respeito à propriedade e às relações sexuais, e às burocracias militares, políticas e religiosas. Estas instituições eram suportadas pela família

patriarcal, que por sua vez constantemente a recriava.” (LERNER, 1986, p. 106)

Ao analisar o patriarcado na Mesopotâmia, Lerner pontua que o conceito de classe é fundamental naquela sociedade, sendo que para as mulheres à classe está associada com seus laços sexuais com os homens. Já para os homens, a classe era definida pelo seu relacionamento com os meios de produção. No que tange a subordinação das mulheres, a autora explicita:

A subordinação sexual das mulheres foi institucionalizada nos mais antigos códigos de leis e era reforçada pelo poder estatal. A cooperação das mulheres no sistema era assegurada de várias maneiras: por meio da força, da dependência econômica ao homem chefe-de-família, por privilégios de classe e honras que conformavam como dependentes as mulheres de classes altas, e por meio da divisão artificialmente criada entre mulheres respeitáveis e mulheres não-respeitáveis. (LERNER, 1986, p. 9)

Ou seja, a subordinação e opressão das mulheres está vinculado a diferentes formas, expressadas por códigos de regulamentação da sociedade. A que pese Lerner abordar sobre a Mesopotâmia na citação acima, é possível identificar características semelhantes em outras sociedades, como as sociedades medievais. Sarah Azevedo (2019) pontua que “o entendimento do patriarcado como fenômeno se mostra relevante no sentido de auxiliar a identificar as várias formas de violência de gênero acionadas pelos modos dos indivíduos se relacionarem” (AZEVEDO, 2019, p. 8). Dessa forma, é imprescritível o uso da categoria para a compreensão das relações de opressões sobre as mulheres. Para Saffioti (2004) ambas as categorias, patriarcado e gênero, são igualmente válidas e complementares. Portanto, Saffioti propõe analisar as “relações da ordem patriarcal de gênero” de forma articulada para compreensão sobre a opressão das mulheres.

Portanto, o objetivo central desse trabalho é analisar como as categorias gênero e patriarcado são utilizadas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiras/os nas últimas duas décadas em estudos sobre mulheres ibéricas, e em específico nos séculos XII e XIII. Sendo uma pesquisa de caráter historiográfico, a contribuição de pesquisas como estas são para mapear o campo, tanto de Estudo de Gênero e História das Mulheres quanto para o a História Medieval no Brasil, apontando limites e avanços das áreas.

MATERIAIS E METÓDOS

Como já dito anteriormente, o corpus dessa pesquisa é a produção acadêmica brasileira. A metodologia se dividiu em três eixos: levantamento; estudo teórico; análise. O levantamento se deu em dissertações de mestrado e teses de doutorado disponibilizados pelos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em História no Brasil e na Plataforma de Teses da Capes. O recorte temporal utilizado foi dos anos 2000 até 2022. Para a busca das produções foi utilizado as palavras-chaves: mulheres medievais, mulheres no medievo, relações de gênero no medievo, feminilidade no medieval/medievo, gênero no medievo, feminino/a no medievo, patriarcado, patriarcado no medievo/na idade média.

O resultado do levantamento foi de quinze produções, sendo treze dissertações e duas teses. Foi selecionado para análise seis produções, sendo uma tese e cinco dissertações, pelo critério de serem a maioria pertencendo ao mesmo recorte cronológico dos séculos XII e XIII. Após o levantamento, foi feito um estudo teórico sobre o medievo ibérico. Bem como um estudo da epistemologia feminista contemporânea, história das mulheres, gênero, patriarcado e teoria da história. Por fim, a análise consistiu em identificar como as categorias gênero e patriarcado estavam relacionadas com as abordagens teórico-metodológico e conceitos; a articulação das abordagens com os temas, fontes e as mulheres escolhidas como objeto de pesquisa; a identificação do referencial teórico utilizado. Dessa forma, compreendendo como as partes (abordagens, temas, fontes, conceitos) se integram em sua própria totalidade, e assim como as configuram na área de História Medieval e na articulação com a História das Mulheres, Gênero e Patriarcado. Em relação a abordagem teórico metodológico é preciso destacar que essa pesquisa terá como aporte teórico o materialismo histórico-dialético a partir da epistemologia feminista contemporânea.

RESULTADOS E DISCURSÃO

Na análise das fontes foi verificado que apenas uma das produções faz a utilização da categoria de gênero para abordar sobre as mulheres medievais. Na dissertação intitulada “A incorporação de modelos femininos cristãos na legislação ibérica medieval: uma análise da Leges Visigothorum e da legislação afonsina a partir de modelos femininos cristãos”, a autora, Irmã Bueno, faz um discursão sobre as mulheres na Idade Média, mas não faz associação a epistemologia feminista contemporânea. Na

dissertação intitulada “Uma análise comparativa das representações da Rainha Teresa de Portugal nos séculos XII e XIII face à formação da primeira identidade portuguesa”, a autora Mariane Ferreira faz referências as autoras Michele Perrot e Joan Scott, porém não utiliza a análise de gênero de Scott.

A tese a seguir faz a utilização da categoria gênero com base nas formulações de Joan Scott e Michel Foucault, sendo a única, das seis produções selecionadas, que faz discussão de gênero, intitulada “Ave Maria, ave senhoras de todas as graças!: um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII”, de autoria de Regiane Jardim, no Programa de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul do ano de 2006;

Ambas as dissertações a seguir não fazem o uso de gênero, apenas discutem mulheres medievais sem problematizar com a epistemologia feminista contemporânea. As dissertações são: “O sentido dos diálogos entre as mulheres o mar nas cantigas de amigo galego português do século XIII”, de autoria de Ana Luísa, no Programa de História da Universidade Federal do Paraná; a outra dissertação é intitulada “Visões do feminino: a criação de Eva nos mosteiros da Coimbra medieval (séculos XII- XIII)”, de autoria de Regina Neto, do Programa de História Social da Universidade de São Paulo, defendida em 2008;

A dissertação intitulada “Santidades, peregrinações e milagres no ocidente peninsular: a hagiografia de santa senhorinha de bastos (século XII)”, de autoria de Heverton Oliveira, do Programa de História da Universidade Federal de Goiás, chamou atenção na análise por não fazer discussão sobre História das Mulheres e mulheres medievais, nem a utilização da categoria gênero visto que a pesquisa trata da hagiografia de uma santa. O autor faz uma abordagem e análise sobre hagiografias, porém não traz qualquer referência as mulheres, de como era a inserção dessas na sociedade de medieval do século XIII e da relação com o cristianismo. Seria um silenciamento das mulheres pela historiografia. Eis umas das questões que me proponho a fazer em análises, não somente do uso de gênero, mas também sobre as categorias de mulheres e patriarcado.

CONCLUSÕES

Mesmo com o avanço em pesquisa sobre as mulheres medievais ibéricas no Brasil, a categoria gênero é pouco utilizada, ou quando utilizada, tem uma articulação insuficiente. Todas as produções analisadas estão no campo da História Cultural, fazendo uso de conceitos como representação e identidade, mas não relacionados com discursões

da epistemologia feminista contemporânea. A categoria patriarcado não foi utilizada em nenhuma das produções. Dessa forma, concluo que a utilização das categorias gênero e patriarcado na produção acadêmica brasileira sobre as mulheres ibéricas nos séculos XII e XIII é quase inexistente e pouco problematizada. A utilização da categoria gênero em estudo sobre as mulheres medievais, articulado as categorias patriarcados e mulheres, faz necessária, pois, como bem articula Saffioti (2015) a categoria gênero utilizada de maneira isolada não consegue explicar as desigualdades entre homens e mulheres, a opressão de gênero, o silenciamento das mulheres. No caso das mulheres medievais, a análise de gênero e patriarcado deve ser articulada com as relações de produção e ideológicas do período, o senhorio (na Alta Idade Média) e o feudalismo (Central e Baixa Idade Média) e o Cristianismo. Estudar gênero na Idade Média possibilita a compreensão do período histórico sob outras perspectivas, entendendo o interior das relações dos sujeitos e sujeitas que desenvolvem as relações de produção e sociais das sociedades medievais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

BUENO, Irma Antonieta Gramkow. "A incorporação de modelos femininos cristãos na legislação ibérica medieval: uma análise da *Leges Visigothorum* e da legislação afonsina a partir de modelos femininos cristãos". Mestrado em História. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FERREIRA, Mariane Godoy Leal. Uma análise comparativa das representações da Rainha Teresa de Portugal nos séculos XII e XIII face à formação da primeira identidade portuguesa. Dissertação (mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

JARDIM, Rejane Barreto. Ave Maria, ave senhoras de todas as graças!: um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENDES, Ana Luísa. O sentido dos diálogos entre as mulheres o mar nas cantigas de amigo galego português do século XIII. Mestrado em História. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

NETO, Regina Celia dos Santos. Visões do feminino: a criação de Eva nos mosteiros da Coimbra medieval (séculos XII- XIII). Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Heverton Rodrigues De. Santidades, peregrinações e milagres no ocidente peninsular: a hagiografia de santa senhorinha de bastos (século XII). Mestrado em História. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

Bibliografia:

AZEVEDO, SARAH FERNANDES LINO DE. A ética da monogamia e o espírito do feminicídio: marxismo, patriarcado e adultério na Roma Antiga e no Brasil Atual. HISTÓRIA (SÃO PAULO), v. 38, p. 1-19, 2019.

CURIEL, Ochy. Género, raça, sexualidade — debates contemporâneos. In: BAPTISTA, Maria Manuel (Org.). Género e Performance - Textos Essenciais Vol. 1, Grácio Editor: Coimbra, 2018.

DELPHY, Christiane. Pensar o género: problemas e resistência. BAPTISTA, Maria Manuel; CASTRO, Fernanda de (Org.). Género e Performance - Textos Essenciais Vol. 2, Grácio Editor: Coimbra, 2019.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Marcelo Pereira; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Fazendo gênero na medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Veredas da História, v. 9, p. 136-146, 2016.

LIMA, Marcelo Pereira. O -direito- de falar em pleitos: o gênero nos códigos jurídicos afonsinos. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, v. 26, p. 1-17, 2018.

LIMA, Marcelo Pereira. Sexo, poder y religión en la época medieval: el género de la violencia en la Castilla del siglo XV. Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval, 2021, Volume 10, Número 1, pp. 213-241. ISSN: 2014-7430

Mathieu, Nicole Claude. [1989]. 2005. ¿Identidad sexual/ sexuada/ de sexo?. Tres modos de conceptualización de la relación sexo y género. En: Curiel, Ochy. y Jules.

SAFFIOTI, Heleieth. Género, patriarcado e violência. 2ª edição, São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. Género: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade, v. 20, n.2, jul./dez. 1995.